

*Sobre o que precisa ir para que algo possa nascer ou Ode ao Tempo, 2020, duas gaiolas, plantas secas e plantas vivas, garrafas e potes de vidro, pedras, palhas, flores e plantas artificiais e brilhantes e fotografia interferida, 34 x 30 x 15,5 cm cada gaiola*

A criação artística é minha reza manual, silenciosa e poética no manuseio do que revisito nas miudezas que levo guardadas no coração e no armário; nas gavetas e em vasos; nos cantos da casa e do corpo.

Fui recolhendo as folhas e flores secas que guardo por anos e que me prendem a momentos e situações; a emoções e sentimentos que agora estão presenteadas ao Tempo.

O Tempo aqui não se relaciona à cronologia cronometrada da racionalidade e lógica do Ocidente europeu.

O Tempo é o Iroco, entidade iorubana representada pelo secular baobá que, por sua vez, é a árvore de raízes ancestrais, que penetram a terra onde são entregues os corpos de nossas e nossos antepassados. As raízes do Tempo têm intimidade com a terra, de onde viemos, segundo várias mitologias, e para onde vamos também.

De onde retiramos o que nos alimenta fisicamente. Tempo e Terra.

Que união coerente que dela me faço filha neste momento de recolhimento imprevisto. Dessa união me proponho a meditativa transformação de que preciso e me encerro em casa-casulo, em reconexão com a pessoa que habita o corpo-casa-casulo.

Estar durante todo o dia em contato constante com o filho, com a filha, com a necessidade, com a afetividade, com a sabedoria de quem aprende no fazer cotidiano.

Criando intimidade com as horas do dia que transpassam a vida num tempo outro, num tempo sem pressa, num tempo cujo planejamento é remanejamento conforme a urgência do momento. Porque a vida cotidiana tem a sua urgência.

Libertamos a vontade de ser e engaiolamos o sonho enterrado. E dela, da vontade, esperamos crescer e se desenvolver as possibilidades de viver, sendo a vontade as plantas de proteção que crescem encontrando caminhos por entre as frestas.

O pinhão roxo do sertão cearense que é erva de benzer e de proteger.

A espada de São Jorge que prepara o corpo para a luta.

A comigo-ninguém-pode que demonstra a gana durante o refazimento. A força que se herda da ancestralidade.

Nesse cultivo do Tempo, nessa Terra emprestada aguardamos que o corpo-casa-casulo possa irromper no mundo a transmutação do saudosismo do que já não era e talvez nunca tenha sido, no “será?” como única alternativa a ser cultivada.

É tempo de renascer.

É tempo de cura.

Renata Felinto, 20 de abril de 2020.